

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 8\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis
Trimestre, 935 réis.

Subscrive-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis—Semestre, 1\$500 réis—
Trimestre, 800 réis.

NUMERO 82

SEXTA-FEIRA 11 DE ABRIL DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

Eloquar an sileam?

..... sed vox faucibus haesit
VIRGILIO.

E' sempre difficil quando se professaram ideias extremas, e se proclamaram principios exaltados, retrogradar de repente, e apparecer transfigurado em cidadão grave e respeitador da lei, ostentando ideias moderadas e conservadoras, e exigindo o mais escrupuloso cumprimento das formulas, por cima das quaes se saltou impavidô em outro tempo. Resulta desta metamorphose uma situação falsa, que é realmente custosa de sustentar.

Não creem uns na sinceridade da conversão; julgam os outros ter direito a queixar-se da apostasia que lhes roubou o partidario, e todos teimam em descortinar n'ella uma máscara mais ou menos transparente de ambição disfarçada. D'aqui vem que ao passo que os primeiros teimam em lançar-lhes em rosto as suas ideias passadas, os segundos não cessam de accusal-os pelos seus principios da actualidade.

Compreende-se facilmente quanto deve ser penoso estar assim entre dous principios, ser ameaçado por um quando se julga ter evitado o outro, aproximar-se de Scyla quando se foge de Carybdes, ver crepitar a fogueira de uma inquisição, quando se pensa ter subornado os familiares da outra. A este supplicio estão, porem, sujeitos todos os transfugas e todos os renegados. E' a pena da sua deserção.

Poderão elles queixar-se de se encontrarem assim sobre um terreno tão escorregadio e perigoso? Terá alguém a culpa de que a levandade do seu caracter ou a ductilidade dos seus principios o tenha conduzido a tão máo passo?

Não tem de certo; e os que soffreram tão rapida transformação no seu caracter moral, ou que a revelam ao menos no seu caracter politico, devem aceitar essas difficuldades como consequencias naturaes da sua versatilidade, e não culpar senão a si da desagradavel posição em que se acham. Que admira que aos antigos demagogos se faça cargo da sua moderação actual? Que admira que aos conservadores d'hoje se pergunte pelas ideias exaltadas d'outras eras? Se existe uma tão grande disparidade entre o hontem e o hoje da sua politica, é natural que sejam incriminados, e com igual justiça, pelo que fizeram, e pelo que não fazem.

Assusta-os a alguns desses a responsabilidade do passado, e parece quererem encampal-a aos seus adversarios d'hoje, e aos seus companheiros d'algum dia. Que conseguem, porem, com isso? Juntam a fraqueza á apostasia. Não fogem á propria condemnação. Não evitam ás difficuldades da situação em que se acham. Aggravam-as, pelo contrario. O passado é honroso para elles sustental-o e confirmal-o, como o sustentam e confirmam os que ficis ás suas antigas ideias, e ás tradições desse passado de gloria commum, pugnam ainda hoje no mesmo campo, sustentam os mesmos principios, e combatem as mesmas tendencias.

O que é impossivel é o que elles pretendem como notavel cynismo — passarem por serem os mesmos homens, por defenderem os mesmos principios, e por militarem, no mesmo campo em que outrora combateram. Os antigos demagogos, o mesmo que os cortesãos actuaes! os exaltados d'hontem o mesmo que os conservadores d'hoje! Como? Estarão tão confundidos os campos! Que elles sejam os mesmos homens, ainda pode explicar-se talvez, mas que advoguem hoje os mesmos principios porque hontem propugnavam, como pode conceber-se? Ou variaram todas as noções da politica, e o que hontem tinha uma significação hoje tem precisamente a opposta, ou essa pretensão é irrealisavel.

Proclamaram a sedição, a anarchia, deram vivas á república, e, arvorando o barrete phrygio, pretenderam que a demagogia supplantasse a realza, e agora insurgem-se contra a classificação de desordeiros, declarando que não pegaram na penna para sustentar nem o motim, nem a sedição, nem a perturbação constante. Muito bem. Sejam embora ordeiros e amigos da paz. Sustentem a ordem estabelecida, como bons cidadãos. Não se associem mais ás especulações da politica, nem ás especulações dos vagabundos!...

Dos vagabundos! E atrevem-se a fallar em vagabundos aquelles que tem sido toda a sua vida a estatua animada da inconstancia po-

litica, que tem estado em contradicção permanente com os seus proprios principios, que tem desmentido cem vezes as suas asseverações, e corrigido outras tantas as suas ideias! Quem são os vagabundos? Vamos, venham os nomes d'elles. Não se atira assim ao ar uma injuria com o intuito de que o publico tenha a penetração sufficiente para advinhar as pessoas a quem é dirigida, e completar o pensamento de quem a dirige. Mais vale a coragem da franqueza. Queremos ver se entre os nomes d'esses vagabundos estão os nomes dos vossos mais caros amigos e leaes companheiros d'outras eras, sumindo-se o vosso por detraz dos d'elles!

Quereis que se governe com as leis, e que se respeite a Carta! E' pena que tão tarde viesse essa nobre aspiração. E' foi por isso que vos separastes dos vossos antigos principios? Quando se combatia pela liberdade, e se preparava essa obra, a que se associaram depois tantos que não haviam ajudado a construí-la, que entraram na igreja triumphante, sem terem feito parte da igreja militante, já se queria governo com as leis, e respeito pela Carta. D. Pedro proclamou os principios da liberdade do ensino, no heroico rochedo da Terceira, defendido pelas espadas daquelles mesmos que são accusados hoje de os quererem obliterar da sua bandeira. Foi combatendo nas linhas do Porto, e nos montes d'Asseiceira, que esses valentes aprenderam a amal-os e a defendel-os.

E' talvez por isso que hoje elles envidam esforços para garantil-os dos ataques dos seus adversarios — esforços não comprehendidos por esses que, do remanso da vida domestica, ou talvez do campo adverso, assistiram á lucta, e presenciaram o triumpho. Não lhes custaram nada, nem sangue, nem fadigas, nem saudades da patria; tem lhes menos amor. E' natural.

Asseveram no entretanto que os defendem, mas dos seus arraiaes e com a liberdade. Onde são os vossos arraiaes? A que liberdade vos referis? A' liberdade que abre as portas do templo ao inimigo insidioso, para não o eximir do mesmo privilegio que concede aos seus adeptos? que se desarma da armadura que conquistou com tanto sacrificio, para que os adversarios possam mais a seu salvo visar-lhe o coração? Longe são os vossos arraiaes, que não se ouvem lá os gansos do Capitolio da liberdade. Nesses arraiaes de certo já não ha Manlios; mas ha Cassios, ha Cinnaes, e talvez Appios.

Máo fôra que a liberdade precisasse da defeza destes democratas d'outras eras. O seu liberalismo desapareceu quando a sua ambição surgiu, e actualmente são elles que desejariam favorecer a reacção agasalhados nas pastas dos ministros. A sua unica mira é o poder. Subjeitam-se, para o escalarem, a todas as transacções com os homens, e com os principios mais adversos. Hoje favorecem a reacção, e mostram-se conservadores, e moderados, porque esperam d'ahi auxilio e protecção aos seus intentos; amanhã tornarão a ser o que foram hontem se desse lado lhes soprar o vento favoravel para levarem a sua facçãozinha ao porto porque almejam.

São estes os que mais prejudicam a liberdade, porque dizendo-se seus defensores, a contrariam na sua defeza, e favorecem nos seus ataques os adversarios della. São estes os mais perigosos porque tentam cubrir de flores o abysmo, e desarmar a vigilancia que os importuna. Mas precisam saber que o publico está prevenido e não se illude com as suas protestações de legalidade hypocrita, nem se deixa imbuir pelas suas affirmativas de falsa segurança. Conhece-os e avalia-os. Presente o perigo, e combate-o.

A. P.

LIBERDADE DE ENSINO

Damos hoje publicidade ao notavel discurso pronunciado por Victor Hugo em 1850 no parlamento francez, sobre liberdade d'ensino.

Offerecemol-o como um documento digno de ser lido na conjunctura actual.

No momento em que a familia liberal parece dividida na apreciação d'essa importante e fundamental questão nos governos representativos, é bom, é util saber-se como aquelle nobre espirito já ha doze annos discorria acerca d'elle. Se Victor Hugo já então ali pressentia perigo eminente, os que o vêem hoje, que a reacção desmascarou os seus intuitos sobre a geração futura, não podem de certo ser accusados de pusilanimes, e meticulosos.

Publicamol-o em um só numero, embora tenhamos de preterir outras materias, para não cer-

cear o interesse que desperta tão notavel peça de eloquencia, retalhando-a por diversos numeros.

Leiam-a com attenção os liberaes de boa fé.

A. P.

Senhores: — Quando uma discussão abraça, como esta, os interesses mais elevados, e pode decidir da sorte do paiz, o dever é encaral-a em toda a sua extensão, sem equivocos, nem hesitações (*Attenção profunda*).

Principiarei dizendo o que desejo, e depois indicarei com equal clareza o que rejeito.

A meu ver, o alvo, embora difficil, embora afastado ainda, a que temos de apontar neste vasto assumpto do ensino, é o seguinte (*Mais alto! mais alto!*).

Em todas as questões ha um lado pratico, e um ponto mais alto, mais sublime, d'onde a esperança, unida á razão, as contempla; e esse forma o seu ideal. Para mim o ideal consiste na instrução gratuita e obrigatoria (*Muito bem, muito bem!*) Obrigatoria no primeiro grau, gratuita em todos. (*Applausos na esquerda*.) A instrução primaria obrigatoria representa os direitos da infancia e da puerícia, direitos, não nos illudamos, mais sagrados mesmo, que os do pae, porque se confundem com os do estado. Tomando este grande principio por base eis como o ideal da questão se me representa.

Aspiro a que chegue o dia, em que a instrução gratuita e obrigatoria alcance as proporções, que descrevi. Desejo que o ensino publico, dado e regido pelo estado, cubra como rede immensa o territorio da França, subindo desde a humilde escola da aldeia, degrau por degrau, até ás cadeiras do collegio de França, mais ainda, até ás do instituto. Quero largas e patentes as portas da sciencia a todas as vocações, a todos os talentos. Aonde estiver o casal, a granja, o campo, aonde uma alma suspirar pelo pão do espirito, quero que encontre logo o livro, o alimento. Nem uma só freguezia sem escola nem uma cidade sem lyceu, nem uma capital de provincia sem facultades de letras, ou de sciencias (*Prolongados applausos*). Quero um systema completo de meios de instrução, de officinas intellectuaes, que abranja tudo, e aproveite a todos; lycens, gymnasios, collegios, aulas, bibliothecas, illuminando com os raios da sua luz toda a superficie do paiz, despertando pelo estímulo os engenhos adormecidos, confirmando e alentando as vocações! Em uma palavra os meus desejos seriam, que todos os graus dos conhecimentos como que formassem uma immensa escada sustida com firmeza pelas vigorosas mãos do estado, escada, que, assentando a base na sombra das multidões obscuras e compactas se elevasse ás regiões mais altas e luminosas sem a menor solução de continuidade. Desejo em intima comunicação o coração do povo com a grande intelligencia da França! (*Immensos applausos*).

Agora exporei como entendo a educação publica nacional. A par da vasta instrução gratuita, que inculquei, apropriada a todas as capacidades e aptidões, offerecida de graça, amplissima para todos, animada pela voz dos melhores professores, pelo auxilio dos mais perfeitos methodos, modelo no saber e na disciplina, normal, franceza, christã e liberal, e assim distribuida ella inquestionavelmente havia de retemperar a indole do paiz, fortificando a liberdade de ensino; mas liberdade para os professores particulares, para as corporações religiosas, para todos, liberdade plena, inteira, absoluta, e sujeita só aos limites das leis geraes como todas as liberdades, tornando-a independente da tutela inquietada da inspecção do estado, porque lhe dava o ensino gratuito por moderador (*Applausos*).

Este, senhores, seria para mim, repito, o ideal da questão. Não se assustem alguns com elle; infelizmente ainda estamos longe de o tocar, porque a solução do problema envolve difficuldades por ora insuperaveis quanto á despeza, cousa que acontece a todos os problemas sociaes da nossa epocha. Fallei n'isto, esbocei esta risonha imagem do ideal, porque devia declarar-vos até onde a minha esperança alonga os desejos. Mas a hora da applicação não bateu ainda. Preso os instantes, que a assembleia pode conceder-me, e vou por isso entrar desde já no exame da questão sem me desviar do terreno positivo da realidade. Vou tratal-a no ponto, em que se encontra, ponto de amadurecimento relativo a que o trouxeram por uma parte os factos, e pela outra a razão publica. Neste campo muito mais restricto, mas pratico, voto pela liberdade do ensino, mas fiscalizada pelo estado, e como admitto senão a inspecção efficaz, quero o estado puro e exclusivamente secu-

larizado de influencias religiosas. M. Guizot já o disse com todo o fundamento: em materia de ensino o estado não é e nunca deve ser senão inteiramente secular.

Voto, insisto, pela liberdade de ensino sujeita a rigorosa inspecção e vigilancia do estado, e para representarem o estado, nestas funcções tão delicadas e difficéis, que precisam ser coadjuvadas por todas as forças vivas do paiz, não admitto senão homens que nenhum interesse politico, que nenhum vinculo de consciencia, distincto da unidade nacional, separe da zelosa defeza della. (*Muito bem!*) Quero dizer não-introduziria no supremo conselho de inspecção, ou nos conselhos secundarios, os bispos, ou os seus delegados. A minha ideia é não só conservar, mas tornar ainda mais profunda, a salutar e antiga separação do sacerdocio e do imperio, separação estabelecida pela sabedoria de nossos paes em proveito commum. (*Applausos*).

Acabei de vos dizer o que desejava. Agora direi o que não quero.

Rejeito a proposta. Porque?

Porque vejo na lei uma arma: e como as armas são em si pouco, e valem muito, ou nada, segundo a mão que as joga, pergunto aonde está, e qual é a mão, que intenta apoderar-se desta arma. A questão reduz-se a isto (*Movimento*).

Essa mão, senhores, é a mão do partido clerical. (*E' verdade!*) Receio-me della, temo-a, e como lhe quero quebrar a arma, voto contra o projecto. (*Muito bem! muito bem!*)

Dada esta explicação entro no debate.

Vou lutar rosto a rosto com o argumento capital dos que sustentam a opinião contraria á minha — com a unica objecção que na apparencia pode reputar-se grave.

Arguem-nos, exclamando: o vosso fim é proscrever absolutamente o ensino religioso! Eu me explico. Nunca será por ambiguidade minha voluntaria, que alguém poderá enganar-se com as opiniões, que defendo.

Longe de proscrever o ensino religioso, entendendo que nunca elle foi mais necessario do que hoje. Quanto mais caminha e se engrudece o homem, mais fervorosas devem ser as suas crenças; quanto mais perto procura estar de Deus, melhor precisa vel-o. (*Movimento*).

Um dos infortunios do nosso tempo, o maior talvez, é a declarada tendencia para cifrarmos tudo na vida terrena. (*Sensação*) Attribuindo ao homem por meio e fim a existencia physica, não reparam que todas as miserias se lhe aggravam pela negação do que está alem de nós, e que á oppressão da desgraça se junta a escuridão mais intoleravel ainda do nada. O trabalho e os padecimentos impostos pela lei de Deus convertem-se no desespero e nas trevas, que são a lei do inferno. (*Grande sensação*.) Eis o que gera as profundas convulsões sociaes, que fazem tremer o chão debaixo de nossos pés!

Sou dos que desejam, e de certo ninguém o contestará aqui, dos que se esforçam, não direi só com sinceridade, a palavra parece-me dizer pouco, mas com inexplicavel ardor, e empregando todos os meios possiveis, por melhorar nesta vida a sorte dos infelizes; porem a primeira e a mais util consolação dos que gemem foi sempre a esperança. Não lh'a roubemos! (*Bravo! na direita*.) Para suavizarmos dôres, transitorias, como nós, desprezamos nos immensos horizontes da immortalidade as azas de luz da esperança infinita! (*Muito bem! muito bem!*)

O dever de todos, legisladores, bispos, sacerdotes e escriptores, deve consistir em applicarmos, em prodigalizzarmos até todas as forças da energia social contra o flagello da miseria (*Bravo! na esquerda*) e para ao mesmo tempo fazermos que todos levantem a cabeça para o ceu (*Bravo! na direita*). Que a alma e a esperança se voltem cheias de crença e fervorosas para a vida ulterior, aonde reina a justiça divina, e da qual — diga-se alto — ninguém será repellido depois de injustamente perseguido. O que é a morte senão uma restituição? (*Muito bem! sensação*.) A lei do mundo physico é o equilibrio; a do mundo moral é a equidade; e Deus está em ambas. Não o esqueçamos, ensinamol-o pelo contrario a todos. Se o homem houvesse de descer todo ao sepulchro não valia a pena viver. O que anima o espirito, e santifica o trabalho, o que nos faz bons, fortes, pacientes, benevolos e justos, humildes e grandes a um tempo, e dignos da intelligencia e da liberdade é a perpetua visão de um mundo melhor, que trazemos dentro de nós para no desvanecer as trevas da existencia terrena (*Calorosa approvação*).

Fallando de mim, (já que o acaso quer que seja eu o que pronuncie palavras tão graves, apesar da pouca auctoridade da pessoa), seja-me licito proclamar do alto da tribuna, que professo a ardente fé de uma vida futura, melhor, mais verdadeira, e a meu ver, mais real, do que a triste chimera, que devoramos em cada momento, e que chamam existência. Tenho a presente a todas as horas, acredito n'ella com todos os poderes do meu convencimento, e no fim de grandes lutas, de porfiados estudos e de muitas provações abraçei-me com ella por ser a suprema certeza da minha razão e a suprema consolação da minha alma. (*Sensação profunda.*)

Approvo, pois, desejo firme, ingenua, e ardentemente o ensino religioso, mas o ensino religioso da igreja, e nunca o ensino religioso d'um partido. Quero a sinceridade e não hypocrisia. (*Bravo! Bravo!*) Quero que elle aponte para o céu, e não que se arraste pela terra. (*Movimento.*) Não quero a cadeira e o pulpito confundidos, não quero o padre e o professor misturados; e se o permittir alguma vez, eu legislador, heide fiscalisar tudo, abrir sobre os seminarios e sobre as congregações os olhos vigilantes do estado, do estado secular, insisto, unicamente preocupado da sua grandeza e da sua unidade.

Em quanto não raiar o dia, que aneio, de podermos sancionar a completa liberdade do ensino, e já expuz como a comprehendia, quero o ensino da igreja na igreja, e só para ella! Sustento que seria irrisão mandar inspecionar pelo clero em nome do estado o ensino do clero. Em uma palavra quero, repito, o que nossos paes quizeram sempre — a igreja na igreja e o estado no estado! (*Muito bem!*)

A assembléa vê já claramente quaes são os motivos, que me levam a rejeitar o projecto de lei. Acrescentarei algumas reflexões ainda.

Este projecto, senhores, como disse ha pouco, é mau, é peor do que uma lei politica, por que é uma lei estrategica. (*Murmurios.*)

Não alludo de certo ao reverendo bispo de Langres, nem a outra pessoa com assento aqui; alludo ao partido, que, se não redigiu, inspirou pelo menos a lei, a esse partido, tão ardente e ao mesmo passo tão amortecido, ao partido clerical. Não sei se acaso se introduziu no governo, ou se está na assembléa; (*sensação*) sei que sinto os passos em toda a parte. O seu ouvido é afiado, por isso mesmo de longe ha de escutar-me bem. (*Riso.*) Fallando com esse partido dir-lhe-hei: este projecto é obra vossa, e em toda a verdade desconfio de vós e d'ella. Instruir é construir. (*Sensação.*) Desconfio do que vós construis! (*Muito bem! muito bem!*)

Não quero confiar-vos o ensino da mocidade — a alma da infancia, o desinvolvimento das novas intelligencias que principiam a florescer, a educação litteraria das gerações novas, que são o futuro da França. Não se vos confiará por meu voto o futuro da França, porque confio-o assim de vós equivaile a entregar-vol-o.

Não sufficiente que as gerações novas nos succedam, é preciso que nos continuem; por isso quero desviar de cima d'ellas a vossa mão e as vossas inspirações. Que não seja demolida por vós a obra de nossos paes! (*Muito bem!*) Depois de tanta gloria evitemos a noção de semelhante opprobrio! (*Prolongada sensação.*)

Esta lei cobre a face com uma mascara. (*Bravo!*) Diz uma coisa, e tende a outra. E' a ideia da servidão com falsos ares de liberdade. E' o sequestro disfarçado com o nome de doação. A cilada não me illude. Rejeito-a. (*Applausos na esquerda.*)

E' costume antigo vosso! Quando forjaes grilhões e algemas dizeis que são a liberdade! Quando lavras a proscripção, exclamais que se promulgou uma nova amnistia! (*Novos applausos.*)

Nunca vos hei de confundir com a igreja. Era necessario para isso que fosse cego ou insensato, e que não soubesse distinguir o robe do musgo, que o veste. (*Muito bem!*) Sois os parasitas, o flagello, a enfermidade da igreja, é o que sois! (*Riso.*) Ignacio não é amigo de Jesus. (*Applausos na esquerda.*) Não sois os crentes, sois os sectarios de uma religião cujo sentido invertis. Sois os ensaiadores da santidade. Não arrastais a igreja a figurar nos vossos interesses, nos vossos calculos, nas vossas doutrinas, estratégias e ambições. Não lhes deis o doce nome de mãe, quando a trataes como vossa humilde escrava. (*Prolongada sensação.*) Não a atormenteis sob pretexto de a ensinar e de a fazer politica, e sobretudo por piedade nunca a identifiqúeis com vosco. Olhae para o perigo a que a arriscaes. O senhor bispo já o notou. (*Riso.*)

Vede-a como está enfraquecida desde que estaes com ella! São tão poucas as sympathias, que grangeras, que creis capazes de conseguir que o odio se voltasse de vós para ella tambem. A igreja não carece taes aliados; socageae, e deixae-a socegar. Quando vos auzentardes todos háo de voltar.

Deixae-a viver pacifica, venerada, respeitada, na sua solidão, na sua abnegação e na sua humildade, bazos eternas da sua grandeza. A solidão attrahir-lhe-ha os povos; a abnegação dilatará o seu imperio, e para ella a sua maior magestade foi sempre a humildade (*adhesão vivissima.*)

Fallaes de ensino religioso! Sabeis qual é o verdadeiro, aquelle, perante o qual devemos prostrar-nos, aquelle que devemos venerar? E' a irradiação da caridade sentida á cabeceira do leito do moribundo nos hospitaes. E' o redemptorista quebrando os ferros do captivo. E' Vicente de Paulo recolhendo as creanças desamparadas. E' o bispo de Marselha no meio dos empestados. E' o arce-

bispo de Paris no arrebalde de Santo Antonio, arvorando o crucifixo sobranceiro á guerra civil, e derramando o sangue para levar a paz ao seio das sedições. (*Bravo.*) Este é o verdadeiro ensino religioso, ensino profundo, eficaz, popular, ensino, que, por bem da religião e dos homens, dá á igreja mais christãos em um dia, do que vós lhe roubais em annos! (*Grandes applausos na esquerda.*)

Sois muito conhecidos! Todos nós conhecemos o partido clerical! E' um partido velho com serviços numerosos e provados. (*Riso.*) Está de sentinella ás portas da orthodoxia. E' o inventor de dois esteios, admiraveis da verdade — o erro e a ignorancia. Foi elle quem levantou o missal como barreira prohibindo ao engenho e á sciencia que passassem além, e atrevido-se a clausurar o pensamento no estreito recinto da interpretação do dogma. Tudo o que a intelligencia da Europa conquistou até hoje, obteve-o lutando com elle. A sua historia está escripta nas paginas do progresso humano, mas escripta no verso (*Sensação.*) A sua divisa é ter-se opposto e oppôr-se ainda a tudo. (*Riso.*)

Quem mandou flagellar Prinelli por dizer que as estrelas não haviam de cahir do céu? Quem por sete vezes espertou os tratos, que padecera Campanella, por afirmar que o numero dos mundos era infinito, anteendo os segredos do Creador? Quem perseguiu Harvey porque provou que o sangue circulava? Quem encerrou Galileo nos carceres invocando Jesuê, e Christovão Colombo em uma prisão, invocando a auctoridade de S. Paulo? (*Sensação.*) Descobrir as leis do céu era impiedade; descobrir um mundo novo foi heresia! (*Muito bem! muito bem!*) O partido clerical fulminou o seu anathema contra Pascal em nome da religião, contra Montaigne em nome da moral, contra Molière em nome da moral e da religião. (*Muito bem! muito bem!*) Oh! qualquer que seja a vossa denominação, todos vos conhecem, embora vos chameis partido catholico, ou partido clerical. Ha muito já que a consciencia humana luta contra vós e vos pergunta: o que quereis de mim? Não é de hoje, nem de hontem a vossa tentativa de suffocar com mordacões a voz da humanidade e a dos progressos! (*Acclamações na esquerda.*)

E pedis o ensino e offereceis-vos para mestres! Qual é o poeta, o escriptor, o philosopho, que não tendes repellido? Tudo o que se escreveu, meditou, descobriu, deduziu, imaginou e inventou, tudo o que devemos aos engenhos eminentes, os thesouros da civilização, a herança de seculos das gerações, esse immenso e opulento patrimonio commum das intelligencias, quem o rejeita e o despreza? Se o cerebro da humanidade se abrisse perante vós como as folhas do livro, se vos deixassem, creis capazes de riscardes d'elle tudo, porque tudo vos repugna. (*Sim! sim!*) Não o negueis! (*Prolongada sensação.*)

Ha um livro, que desde a primeira até á ultima pagina parece uma emanção sublime, livro que foi sempre para o universo o que o Koran significa para o islamismo, o que os Vedas representam para a India, livro que encerra toda a sabedoria humana, illuminada pela sabedoria divina, e que a veneração dos povos chamou por excellencia o livro — a Biblia! Pois bem, a vossa censura não recuou diante d'elle! Coisa incrível! Houve papas que proserveram a Biblia! Que assombro para os prudentes e sizudos, que espanto para os simples de coração, o verem o index de Roma levantado contra o livro de Deus! (*Viva adhesão na esquerda.*)

E exigis a liberdade do ensino? Sejamos sinceros. A liberdade que desejas não é a de ensinar, é a de não ensinar. (*Applausos na esquerda. Calorosas interrupções na direita.*) Quereis que vos entreguemos a infancia, a mocidade, o povo, para serdes os seus mestres e os seus mentores? Esperae um pouco. Vejamos primeiro quem são os discipulos que vos recomendam. Julguemos pelas obras. (*Riso.*) Que fizestes da Italia, e da Hespanha? Ha seculos que as duas nações gemeem oppressas sob as vossas escolas, sob a vossa ferula; o que fizestes dellas, pergunto? (*Atenção.*)

Eu o digo. Por vossa mão, a Italia, cujo nome nenhum homem instruido profere sem profunda dor filial, a Italia, mãe dos engenhos e das nações, que illustrou o mundo, deslumbrando-o com os primores da poezia e das artes, a Italia que ensinou a ler ao genero humano, a Italia, afogada em trevas, não sabeler. (*Prolongada commoção.*) E' verdade, de todos os estados da Europa aquelle aonde ha menos individuos que saibam ler é a Italia! (*Vozes e desappravação na direita. Clamores.*)

A Hespanha dotada por Deus com tanta opulencia, a Hespanha que recebera dos romanos a primeira civilização, dos arabes a segunda, e das mãos da Providencia, e contra o vosso voto, um mundo, a America; a Hespanha, em virtude do jugo que pesou sobre ella, e do embrutecimento a que a condemnastes, esqueceu o segredo do, seu poder, que lhe fora communicado pelos romanos, o genio das artes que lhe infundiram os arabes, e perdeu esse mundo novo, que Deus lhe revelara. Em compensação de tudo isto, de que foi desherdada por obra vossa, destes-lhes a inquisição!

A inquisição, que alguém hoje tenta reabilitar com uma timidez pudica, digna de respeito! (*hilaridade na esquerda, desappravação na direita*) a inquisição que alimentou as suas fogueiras para immolar nellas cinco milhões de victimas; (*negações na direita.*) Lede a historia! A inquisição que desenterrava os mortos para lhes queimar os ossos! (*E' verdade!*) Lembrae-vos de Urgel e Arnault, conde de Forcalquier. A inquisição que declarava infames e inhabeis para

todos os empregos e honras até á segunda geração os filhos dos hereges, exceptuando (são palavras della) os que tivessem denunciado os pais! (*grande sensação.*) A inquisição, que no momento mesmo em que estou fallando ainda conserva na bibliotheca do Vaticano os manuscritos de Galileo cerrados e sellados com a marca do seu index (*Agitação.*) E' certo que para consolar a Hespanha, em premio do que lhe tirastes, e do que lhe destes, fostes magnanimos concedendo-lhe um invejado titulo. Chamastela por excellencia — Hespanha a catholica! (*Ruido na direita.*)

Quereis saber o valor deste memoravel beneficio? Um dos vultos mais illustres da patria de Cervantes e Calderon, acuzando-vos, exclamou: melhor fôra para nós termos continuado a ser grandes, do que merecermos o titulo de catholicos! (*Vozes na direita. Longa interrupção. Muitos deputados interpellaram o orador.*)

Foram e são estas as vossas obras. O foco de luz chamado Italia apagastelo. O colosso denominado Hespanha alustelo. Um reduzido a cinzas, e o outro todo ruinas attestam a vossa gloria. O que quereis da França? (*Commoção prolongada.*)

Vindes de Roma? Dou-vos os parabens. Figurastes lá com lustre! Grande triumpho! (*Riso e bravos na esquerda.*) Puzestes a mordacão na bocca dos romanos, e tentais suffocar depois a voz do povo francez? E' logico e concebese. E' mesmo um feito ousado e tentador. Tomae cuidado, com tudo, e segui o meu conselho! Correis aqui maior perigo. Este leão está vivo, armado, e custa mais a acaimar. (*Agitação.*)

Qual é o vosso inimigo maior? A razão humana. Porque? Porque a razão é a luz, e o vosso imperio é de trevas. (*Sim, sim! Não!*)

Quereis saber o que vos incommoda e afflige? E' a immensa e livre luz, que a França ha trez seculos derrama sobre o mundo, luz emanada da razão, hoje mais clara do que nunca, luz que faz da nação franceza a mestra e guia dos povos, e que projecta o clarão do seu esplendor intellectual na face de todos os reinos do universo. (*Sensação.*) Esta luz intensa, livre e directa, que vem de Deus e não de Roma, e que vos cega, é a que intentais apagar, (*é verdade!*) e que nós queremos viva e brilhante sempre! (*Sim! Bravos na esquerda.*)

Rejeito a lei. Rejeito a porque sequestra o ensino primario; porque degenera e acanha o ensino secundario; porque rebaixa o nivel da sciencia, e amesquinha o paiz.

Rejeito-a, porque sou daquelles, aos quaes o coração se confrange e o rosto cõra, quando a França por qualquer motivo padece quebra na sua grandeza, quer seja na territorial como depois dos tratados de 1815, quer seja na intellectual, o que lhe aconteceria, passando a vossa lei. (*Grandes applausos na esquerda.*)

Antes de concluir seja-me licito dar do alto da tribuna um conselho serio ao partido clerical, ao partido; cujas invasões são incansaveis. (*Ouçam! ouçam! Ruido na direita.*)

Não lhe falta habilidade, bem sei; e quando as circumstancias o favorecem, sabe crescer, e fazer-se forte. Conhece o modo de paralisar as nações, deixando-as nesse estado morbido e apathico, que não é ainda a morte, mas que já não é a vida, e a isto chama elle governar! (*Riso.*)

Governo de lethargo! (*novo riso.*) Acautele-se porem; tenha cuidado. A indole da França não se accomoda a semelhante regimen. E' uma temeridade grande, immensa, só o não occultar della os planos, que machina e deseja realisar o partido clerical. Não levante o véo cedo de mais; esconda o ideal de suas esperanças. Que a França não veja como em um espelho o futuro, que se elabora nas officinas de votas: a sachristia soberana, a liberdade trahida, a intelligencia vencida e ligada; os livros lacerados, o sermão em vez do jornal, a sotaina preta interpondo se entre a luz e o povo, o engenho acaimado pelos bedeis e pelos suissos! (*Acclamações na esquerda.*)

O partido clerical é habil, de certo; mas isto não impede de cahir ás vezes em algumas ingenuidades. (*Riso.*) Teme o socialismo? vê crescer entumecida a vaga popular, e quer oppor-lhe um obstaculo panico? Denuncia o perigo e imagina salvar a sociedade concordando a hypocrisia com a repressão? Crê-se victorioso porque nos pontos aonde não collocar o jesuita espera pôr o homem de armas? (*Riso e applausos.*) Faz dô!

Repito, acautelem-se! O seculo dezenove repelle-o. Ceda do commettimento impossivel de subjugar esta grande época animada de novos e grandes instinctos — porque só conseguiria irrital-a, e nunca vencel-a. Não provoque as tempestades, não desafie eventualidades terriveis. O systema que leva a educação para as sachristias e o governo para o confessorario. (*Longa interrupção. Vozes: á ordem! Muitos deputados da direita em pé. O presidente e Victor Hugo travam um dialogo que não se ouve. Tumulto violento.*)

O orador, proseguindo: Defendeis com arbor a liberdade do ensino? Começae respeitando mais a liberdade da tribuna! (*Riso. Acalma-se o ruido.*) Com estas doutrinas, que arrasta uma logica inflexivel e falta e que o mal apesar dos homens, com estas doutrinas que horrorisam quando vemos na historia a sua acção. . . . (*Notos clamores. Vozes: á ordem!*) O orador. O partido clerical invade tudo. Combato-o. Quando elle se me offerece com esta

lei na mão, o meu dever de legislador é examinar a lei e estudar o partido. Em vão me interrompeis. Hei-de fazel-o! (*Muito bem.*) Continuo.

Com este systema com estas doutrinas e com a sua historia, saiba o partido clerical que aonde apparecer fará surgir uma revolução. Para fugir a Torquemada os povos podem cair nos braços de Robespierre. (*sensação.*) E' por isso que o partido que se intitula catholico se me representa um perigo publico. Todas as pessoas, que receiam, como eu, as convulsões anarchicas, ou o entorpecimento sacerdotal, dão o mesmo rebate em quanto é tempo, e avisam os credulos e os negligentes. (*Ruido na direita.*)

Não interrompaes! As vozes e os tumultos não me desanimam, nem me perturbam. Estou fallando para convencer e não para agitar. (*Ouçam! Ouçam!*) Que é isto, senhores? Tambem eu vos serei suspeito? (*Vozes na direita. Sim! Sim!*) Victor Hugo. — Suspeito para vós? Eu! Dizei-o! (*Na direita — sim! sim! Tumulto. Parte da direita interpele de pé o orador imovel e firme na tribuna.*)

Victor Hugo. Bem! Expliquemos-nos (*silencia.*) Fallarei de mim; e ao menos espero que ouvireis a explicação que exigis. Sou-vos suspeito? De que? O anno passado defendi a ordem ameaçada, como hoje sustento a liberdade em perigo, como tornaria amanhã a acudir pela ordem se de novo a visse em risco.

Sou-vos suspeito? Mas não o era, quando fiel ao mandato de representante de Paris não hesitei em me apresentar, defronte das barricadas de junho deseioso de evitar a effusão do sangue? (*Bravos na esquerda. Vozes na direita. Novo tumulto.*)

É claro? Não quereis escutar os que fallam em nome da liberdade! Sou-vos suspeito? Tambem vós o sois para mim, e o paiz dicilira? (*Renova-se o tumulto.*)

Uma palavra só. Sou dos que tiveram a felicidade de prestar á causa da ordem em lances arriscados, ha pouco ainda alguns serviços obscuros. Esquecei-os, que não os lembrarei; mas aqui posso invocal-os. (*Não não! Sim!*)

Em nome, pois, d'este passado direi, que o meu convencimento profundo é que a maior necessidade da França é a ordem, mas a ordem viva, que encerra em si o progresso; a ordem que resulta do engrandecimento natural e pacifico do povo; a ordem nos factos e nas ideias pelo imperio da intelligencia nacional; e tudo isto é o contrario da vossa lei. (*Adhesão calorosa da esquerda.*)

Quero com muitos para a minha patria a liberdade e não a repressão, a grandeza e não a mesquinhez, o poder e não a servidão, o respeito devido ao seu poder, e nunca o desprezo e a nullidade politica. (*Bravo!*) São estas as vossas leis? Vós governo, vós legisladores, quereis suspender e immobilisar a França? Quereis petrificar o pensamento humano, apagar o faocho da luz divina, materializando o espirito? (*Sim! Sim! Não!*) Não védes o tempo em que viviais! Sois como estrangeiros n'este seculo? (*Sensação profunda.*)

A esta época, tão illustre pelas innovações pelos successos e pelas conquistas pacificas, imaginaveis agrilhoal-a, tornando-a inerte e passivo instrumento vosso? Proclamaes o desespero no seculo da esperança!? (*Bravo!*) Arremegae ao chão, como se o peso do fardo vos opprimisse, a gloria, o progresso, e o futuro, e dizeis: Basta! Paremos aqui!? (*Negação na direita.*) Não védes que tudo caminha e cresce, que tudo se transforma e renova em redor de nós, acima, e aos nossos pés? Ah! Cançastes e quereis que tudo pare! Ouvi! E' com dolorosa previsão, porque me assustam as catastrophes, que vos advirto (*riso na direita*) que tereis a revolução se voltar, des costas ao progresso (*sensação profunda.*) Aos insensatos, que dizem á humanidade: não te movas! responde Deus com os terremotos, que derubam e revolvem tudo! (*Grandes applausos. O orador é felicitado por numerosos deputados. A assembleia separa-se agitada.*)

Damos em seguida a continuação da correspondencia dirigida de Loanda ao «Jornal do Commercio» de Lisboa, narrando os acontecimentos que ultimamente tiveram lugar naquellas possessões.

Sir Huntley é um homem respeitavel, encahecido no serviço do seu paiz, uma bella alma incapaz de um baixo sentimento, sabendo dar as coisas o devido valor e exercendo nobremente o seu cargo, sem que todavia deixe de ser bem aferrado ás maximas politicas do seu governo. Assim, as suas relações officias e particulares com o governador geral foram sempre as que deviam ser entre dois perfeitos cavalheiros, como ambos são.

Em 4 de setembro entrou n'este porto o commissario Gabriel a bordo de um vapor de guerra inglez; desembarcou a sua bagagem, que lhe foi verificada, não sem elle tentar levar-a para casa sem ter a menor attenção com a alfandega; e n'essa mesma noite foi apprehendido pelos empregados da alfandega um certo numero de volumes que o mesmo vapor lançou em terra das 10 para as 11 horas em sitio escuro, os quaes elle no outro dia se apresentou a reclamar, dizendo que eram seus, isto depois de ter declarado ao empregado que lhe verificou a bagagem, que não trazia mais coisas.

Foi pois, como contrabandista que o commissario Gabriel fez a sua entrada em Loanda, o que não admirou a ninguém, porque todos sabiam que elle contrabandeira aqui constantemente durante a sua residencia de 12 ou 14 annos, chegando até a serem-lhe apprehendidos contraban-

dos que aliaz se lhe mandaram restituir: e como contrabandista está elle ainda em processo.

Dias depois da sua chegada veio outro vapor de guerra; o guarda-mor da alfandega estava de alcateia, e como Gabriel visse que era arriscada uma tentativa de contrabando, pediu, passados dias, quando o vapor tinha de sair, que a Alfandega lhe desse licença para desembarcar d'elle alguns volumes e dar-lhe entrada n'aquella casa fiscal; o que assim se fez, mas elle ainda não despachou aquelles volumes, talvez para que se não saiba por ora o que elles contem.

Conta-se como coisa certa, que Gabriel se dirigira officialmente ao governador geral sobre aquelles assumptos, e que este respondendo politicamente e encaminhando-o para a autoridade fiscal e judicial a quem elles competem, lhe fizera saber, que se podia dirigir-se officialmente ao governo da provincia na qualidade de juiz commissario de commissão mixta, e ainda só em casos especiaes, em que algum negocio da alçada da mesma commissão exigisse porventura que elle o fizesse individualmente, que só como juiz commissario se lhe reconhecia character official, que para tudo o mais que respeitava a negocios de subditos da Grã-Bretanha só se reconhece seu agente consular.

Consta tambem que na Alfandega executaram a seu respeito o regulamento fiscal, que manda expressamente que só seja consignatario de navios um negociante estabelecido em Loanda, o que nunca se observára para com elle, que era consignatario e despachante dos navios carvoeiros e d'outros que aqui vinham.

Emfim, consta que, apesar do governador geral lhe ter dito categoricamente que não podia entreter com elle correspondencia official sobre negocios particulares, ainda se lhe tornou a dirigir officialmente sobre negocios d'essa natureza, sendo um d'elles pedir-lhe para deixar entrar livre de direitos um mausoleu que viera de Inglaterra para a sepultura d'um inglez aqui fallecido, officios a que se assegura que o governador geral não deu resposta.

Vê-se pois que o governador Calheiros tomou o seu lugar, vez uma que disse ao inglez, que só reconhecia o funcionario britannico, o juiz commissario da commissão mixta, o qual tem de certo tratado e tratará sempre com as attentões devidas ao seu cargo, mas que não conhece o particular, nem quer saber dos seus negocios de contrabando e mercancia, no que só tem que haver-se com a autoridade fiscal, policial ou judicial.

Ora, sr. redactor, imagine v. como ficaria Edmundo Gabriel depois de tudo isto, comparando o passado com o presente, e vendo rebaixado o seu orgulho e lesados os seus interesses mercantis que elle costumava cobrir com o seu valor e influencia official; mas tenho para isso em attenção, que elle fez inteiro contraste com o consul sir Huntley em qualidades e sentimentos. Ficou uma vibora assanhada, um cão enraivecido.

Se portanto, em vista do que fica exposto, parece natural que elle queira tirar uma vingança do governador Calheiros, que lhe não admitiu demasias e impertinencias, e o fez conter dentro dos seus limites, é certo que precisa tambem sustentar-se perante o governo inglez, em cujo desagrado não pode deixar de ter cahido, por ter lançado sobre o commissario britannico na commissão mixta a suspeita e a nota de contrabandista: e ambas as coisas se deprehende que elle trata de fazer em vista d'algumas occorrencias havidas, e d'um acontecimento que acaba de ter lugar, d'onde se collige que procura segurar-se a alavanca do trafico de escravatura.

É sabido, e só os simples e os credulos o ignoram, que a philantropia e o amor dos inglezes pelos pretos não é senão o seu interesse colonial, marítimo e commercial, e que o seu horror á escravidão é o desejo d'aniquillar a agricultura nos paizes d'escravos.

Nem d'outro modo se explicava a metamorphose operada em Inglaterra, que depois de ter querido o monopolio do trafico d'escravos, e de o ter alcançado no tractado d'Utrecht a respeito das colonias hespanholas, se apresentou quasi de repente atroando ceos e terra com gritos contra elle, assim como contra a escravidão, que tambem explorava.

Nem d'outra fórma se explica que essa raça orgulhosa e soberba passasse a morrer de amores pelos negros d'Africa, que aliaz despreza, ao passo que nada promovia a respeito dos brancos servos na Russia e escravos na Turquia, nem a favor dos escravos do Egypto e da Persia, nem mesmo em prol dos escravos christãos das Regenciasahi na Barbaria.

Nem d'outra maneira se explicaria esse mesmo amor pelos africanos do continente, ao passo que brancos que tem feito engajar na Madeira, e negros em Cabo-Verde são tratados brutalmente na sua Guiana, sem tratar melhor os mesmos africanos que levam para lá ou para as Antilhas.

É pois o interesse sordido e o egoismo da Inglaterra, e não o seu amor pela humanidade preta, que suggeriu aquella nação a ideia do horror á escravidão, do direito de visita, e dos tratados para a abolição do trafico, nos quaes toda a Europa se deixou engodar ao principio, mas em que só nós nos manietamos, porque somos uns parvos.

O machiavelismo britannico já foi completamente descoberto, hoje só os tolos o não conhecem; mas não obstante isso os arautos inglezes ainda apregoam a sua philantropia, com um erismo e uma impavidez que revolta, e os seus agentes nas nossas colonias ainda fazem deste assumpto o seu cavallo de batalha.

É nessa taboa que quer salvar-se Edmundo Gabriel; a sua ancora é hoje o seu acrisolado zelo contra o trafico, apezar de muita gente sustentar com boas razões, que os inglezes são os primeiros a querer que elle subsista; o que se confirma, entre outras cousas, com o seguinte proceder delles: apresando os navios na costa de Angola e no golpho de Guiné, largam as tripolações em terra e partem com os negros para as suas colonias, em vez de trazer as prezas á commissão mixta em Loanda, onde as trazem sempre os nossos cruzadores; tendo tido ali um numerosissimo cruzeiro e feito immensas prezas, só me consta que trouxessem aqui uma, em 1849, tem-n'as julgado elles sós, e disposto d'ellas com aquella consciencia que os caracteriza nesta materia (é a reciprocidade dos nossos tratados com a nossa lei alliada!...); e quando ha annos os proprietarios das Antilhas soltavam gritos de desolação por falta de braços, os seus cruzadores saltaram em terra em varios pontos da costa desde a Serra Leoa até ao Ambriz, pegaram em todos os pretos que encontraram, livres ou escravos, e levaram-n'os para as colonias referidas, tudo isso feito, já se sabe, com verdadeiro desinteresse e philantropia britannica.

É pois a questão do trafico da escravatura o santelmo para que Mr. Gabriel appella.

Convém todavia, sr. redactor, que ahi se saiba que o commercio de Angola, no que é de facto territorio nosso, é hoje só o commercio licito; esta é a verdade. Se alguns commerciantes de Loanda e do Ambriz tem relações com os commerciantes do Zaire, e levam porventura algum interesse nas negociações que ali se fazem, não pode dizer-se que na nossa provincia se faz o trafico; nem mesmo isso se pode dizer no caso de ser verdade o que se tem dito, de ter um patacho em março do anno passado pegado em alguns negros tirados dos estabelecimentos da costa entre Benguella e Mossamedes, estabelecimentos de pesca, de apanho de urzella, e de lavoira, e de se ter isso repetido em novembro ultimo. O que é negado por uns, é affirmado por outros, e portanto um objecto de duvida, mas que mesmo sendo um facto verdadeiro, é uma tentativa isolada sem significação, como são as que se praticam em toda a parte em contravenção ás leis fiscaes ou outras.

É convém que ahi saibam igualmente, que o governo da provincia é extremamente severo em questões de trafico; o que tem provado por diferentes modos, e particularmente pela perseguição que tem soffrido Manoel José Correia, indigitado auctor dos embarques acima alludidos, e pela destruição das feitorias negreiras de Mucerras.

Ambas estas coisas são conhecidas e confessadas pelos officiaes inglezes do cruzeiro, ambas ellas são conhecidas de Mr. Gabriel; mas sabe, sr. redactor, o que magoa este philantropo, sabe o que escandalisa os seus instinctos e sentimentos imminantemente humanitarios? É a ida de pretos para S. Thomé!

Gabriel sabe que esses pretos vão com todas as condições legais, sabe que elles satisfazem mesmo a formalidades especiaes ordenadas pelo governador geral, sabe que levam todos passaporte perfeitamente em regra, sabe que não ha n'isto sombra de trafico de escravatura, e que são portuguezes que á sombra da lei se mudam d'um ponto portuguez para outro ali visinho; sabe que não ha a maior infracção ao tratado que fizemos com a Inglaterra; mas não quer que elles vão, isto tambem pela razão que a ida d'elles é a prosperidade de S. Thomé; e todo o inglez, verdadeiro inglez no espirito, daria um olho para que não florescesse uma colonia de nenhum.

Gabriel não quer que elles vão, e sabe-se que por vezes tem pedido ao governador geral que os não deixe ir, fazendo-o algumas vezes juntamente com officiaes do cruzeiro; acrescenta-se mesmo que tem instado, senão ameaçado indirectamente. Não quer que vão, porque não quer; e o mesmo succede com os seus cruzadores e com o seu governo.

Pois a Inglaterra havia de querer que uma colonia portugueza prosperasse?... Não que esse exemplo podia levar a fazer prosperar as outras, e isso fal-a-hia morder-se de raiva, porque o pupillo vendo-se então grande e forte, podia rejeitar-lhe a tutela.

Ora ahi tem, sr. redactor, o navio em que Gabriel se embarcou á conquista da confiança do governo inglez e da sua conservação aqui, satisfazendo ao mesmo tempo o seu sentimento de vingança; foi a questão da escravatura, mas da escravatura para S. Thomé; com elle tem já navegado, e segundo consta, acaba de fazer uma grande manobra, que em traducção clara, a ser verdade, é uma infamia, como vai ver.

No dia 20 do corrente sahiu d'aquí um vapor de guerra inglez com a mala para Fernando Pó, e no outro dia soube-se que as malas do consulado britannico e americano tinham ficado em terra. Averiguado o caso correu como certo o seguinte:

Gabriel tinha dirigido uma communicação para o governo inglez, dizendo que se estava aqui fazendo um trafico extraordinario, e que era preciso fazer retirar da provincia o governador Calheiros que o favorecia. Parece que as communicações desta natureza devem ser tambem assignadas pelo consul; mas sir Huntley, sendo-lhe esta apresentada na vespera para isso, recusou-se a subscrevela.

Vendo-se depois a ida do vapor só com a mala do commissario Gabriel, e tendo-se em attenção certas circumstancias e indícios, a opinião geral foi, que elle, levando a mais cedo ao empregado do vapor que esperava no caes da alfandega a correspondencia official, lhe fez crer que nella ia a mala do consulado, e que o vapor partiu na supposição de que levava effectivamente a correspondencia que devia levar.

Isto, se se deu, é uma tração e uma vilania; mas deve notar-se que todo o publico de Loanda julga Gabriel capaz de a fazer e por isso acredita. E cre-se que elle a fizera afim de ganhar o intervalo d'um paquete, e alcançar algum resultado das suas communicações ao governo britannico, antes que chegue a correspondencia de sir Huntley.

Seja isto porem assim, ou não seja, o que é fora de duvida, é que o commissario inglez e os officiaes do cruzeiro tem aqui forcejado para que se não deixe ir negros para S. Thomé; o que tambem é fora de duvida, é que elles não de ter dito mil cousas ao seu governo sobre isso, exaggerando e mentindo mesmo; Gabriel pelo menos, para encarecer o negocio; é o que se pode affirmar, é que o governo da Grã-Bretanha não perde tal occasião d'exercer pressão e fazer exigencias perante o nosso governo.

O que fará este, sr. redactor? Não sei; sei o que devia fazer. Devia fazer ahi ao governo britannico, o que o governador geral fez aqui aos seus agentes. Devia dizer-lhe que o tratado com a Inglaterra de 3 de julho de 1842, é religiosamente cumprido, é mesmo executado com demasiado rigor, e que portanto nada tem elle que observar, e menos que exigir; e despedil-o politicamente sem mais satisfação.

Sr. redactor, é preciso que o governo de Portugal mostre um dia verdadeiro sentimento da sua dignidade, e que cesse essa politica de condescendencias e de humilhações que seguimos ha dezenas de annos para com a Inglaterra, recebendo em troca o nosso descredito e a nossa ruina.

A imprensa e o publico ficam por este modo ao facto do assumpto; que pois a opinião se forme, e exerça sobre o governo a sua influencia, afim de o levar como que pela força, se elle se não deixar levar pelo sentimento do dever.

E basta, sr. redactor; demais tenho já abusado da sua benevolencia. No entanto espero que me desculpará; visto que não vou entrete-lo e aos seus leitores com frioleiras nem pequenas miserias, hesbitotices nem mentiras, como d'aqui é costume fazer em correspondencias para a imprensa e em cartas para os particulares.

Creio ter-me occupado d'assumptos d'importante interesse, e fil-o com a não na consciencia. Dê v. e os seus leitores, ao que escrevi, o valor que entenderem; na certeza porem de que os factos narrados são exactos e as reflexões conscienciosas.

Junius.

EXTERIOR

DESPACHOS DIRECTOS

Madrid, 7, ás 4 horas e 40 minutos da tarde.

Falla-se de uma circular do ministro mr. de Persigny a respeito da sociedade de S. Vicente de Paulo, a qual consta foi muito applaudida.

O embaixador de França em Roma mr. de Lavalette regressa para aquella cidade.

Chegou a Pariz a embaixada do Japão.

Diz-se que haverá um congresso de soberanos para regular as questões pendentes.

Dos jornaes do correio d'hontem extralimos os telegrammas seguintes:

— Da «Chronica dos dois mundos»:

«Pariz, 3 de abril. — Um importante despacho, transmittido na terça feira, não chegara a Madrid, por ter sido detido na direcção do telegrapho.

A «Patrie», o órgão mais auctorizado da politica imperial, annuncia no seu numero de hoje, que se celebrou um tratado entre as potencias alliadas, França e Hespanha, fixando definitivamente a marcha dos assumptos relativos á expedição contra o Mexico.

Nas fronteiras dos estados pontificios acham-se mais de 5000 partidarios de Francisco II, esperando ordem para invadirem o reino de Napolles, animados pelas forças que a reacção tem começado a recobrar nas provincias hoje piemontezas. O centro reaccionario trabalha sem descanso, sobre as inspirações do monarcha destronado para fomentar a sublevação.

Accusa-se tambem monsenhor Merode de contribuir com dinheiro para o bom exito dos planos borbonicos.

«Pariz 4. — O «Moniteur» annuncia que o exercito francez soffrerá uma redução de 32000 homens, licencendo-se além d'isso dois regimentos de infantaria, e vendendo-se 2000 cavallos.

Esta diminuição não consideravel, no momento em que os successos de Italia se apresentam cada vez mais ameaçadores, reclamando immediata solução as questões pendentes n'aquelle paiz, preoccupa muitissimo os animos, tratando de applical a cada qual a seu modo.

A retirada dos inglezes do Mexico tambem é outro dos acontecimentos que mais chamam a attenção, sendo, ao mesmo tempo, objecto de mil diversos commentarios.

— Da «Correspondencia»:

Ragusa 1. — Foram incendiadas muitas povoações da Albania. Os turcos foram mortos, mas os christãos não puderam coisa alguma.

«Londres 2.ª a noite. — Noticias de Nova York, do dia 22 do passado, annunciam que chegou a Nova Orleans Yancey, fazendo ali um apello aos voluntarios confederados.

De Veracruz dizem, com data de 7, que os inglezes tornaram a embarcar, á excepção de 100, que ali ficaram.»

Liverpool 2, á tarde. — As noticias de Nova York alcançam a 22. Houve grande batalha no caminho de Island, a 10 milhas do Mississipi. A victoria ficou indecisa.

«Londres 1. — O gabinete declarou nas camaras que a Inglaterra não tem responsabilidade alguma no emprestimo turco, ainda que tenha facilitado os meios da sua execução.»

«Paris 1. — Publicou-se hoje o primeiro numero do «Correio Universal», periodico destinado especialmente á America.

Ainda que a Prussia tenha concluido o tratado de commercio com a França, deve este tratado ser ratificado por outros estados alemães, mas encontra grande opposição no sul da Alemanha.

Os confederados, segundo as ultimas noticias de Nova-York, tinham evacuado a sua ultima posição no Potomac inferior. Dava-se muita importancia á tomada de Newburn.

Pariz 3. — O imperador passou hoje uma grande revista ás forças de artilheria e cavallaria.

Turin 2. — Falla-se em prorogar a camara até ao fim de maio.

O periodico «A Italia» annuncia a criação de dezesseis novos regimentos.

«Paris 4. — O «Moniteur» de hoje diz que o imperador, com o fim de diminuir as despesas do orçamento da guerra, resolveu que se diminuia o exercito em 32000 homens, que se licenciam os regimentos n.º 101 e 102, e que se proceda á venda de 2000 cavallos.

Tambem vem no «Moniteur» o convenio consular celebrado entre a Hespanha e França.

Turin 3. — Apresentou-se na camara de deputados um projecto para a emissão de bonds do thesouro no valor de 100 milhões de liras.

Copenhague (sem data). — Concederam-se ao governo creditos importantes para a construcção de navios couraçados.

«Dizem de Algeciras, com data de 3 do corrente:

«Pelo vapor «Liniers» que chegou a noite passada de Tanger com officios para o governo hespanhol, se sabe que hontem mesmo se celebraram, pelo encarregado de negocios d'esta nação, com Muley-el-Abbas a troca das ratificações do tratado de commercio; que em cumprimento do artigo 3.º do tratado de Madrid o califa entregou ao sr. Merry as ordens do sultão para a intervenção dos funcionarios hespanhoes em todas as alfandegas do imperio, tendo aquelles logo no mesmo dia entrado na alfandega de Tanger.»

Dizem de Cadiz, sob data de 3:

«Em Veracruz, na data das ultimas noticias trazidas pelo vapor correio «Tejo», corriam rumores de que os governos alliados tinham enviado novas instrucções aos chefes das suas forças. Diz o «Echo da Europa»: «Em quanto o general Prim aqui estiver tudo poderá succeder, menos a mais leve infracção da palavra dada aos mexicanos.»

Tinham regressado a Havana o 4.º batalhão de marinha e os caçadores de Baylen.

Havia-se permitido aos hespanhoes, expulsos de Tampico, voltarem áquella cidade.

O tribunal de Cayo Hueso tinha declarado «má preza» a barca «Theresita», mandando entregar o navio a seu dono.»

NOTICIARIO

Reunião. — Reuniram-se no dia 7 em casa do sr. Francisco Manoel Couceiro da Costa, a convite dos chefes do partido legitimista, nesta cidade, alguns individuos pertencentes ao mesmo partido. Estiveram presentes, segundo nos consta, 35 ou 36 individuos, e constou a adhesão de mais alguns, que não pôderam comparecer.

O fim da reunião era resolver se aquelle partido devia ir á urna, neste circulo, no caso de succeder a dissolução das camaras, e terem lugar novas eleições. Parece, que por proposta d'um dos presentes, se resolvera que tivesse lugar proximo a nova reunião, a fim de se computarem as forças de que podiam dispor e em vistas dellas, resolverem se deviam trabalhar unidos e como partido, ou se deviam limitar-se a votar cada um segundo as suas sympathias pessoais.

As cartas convocatorias eram assignadas pelos srs. Francisco Manoel Couceiro, Antonio de Sá Barretto e José Joaquim de Carvalho e Goes.

Mallas do correio. — Não tendo havido concorrentes á praça que esteve aberta até 31 do mez passado para a conducção das mallas do correio em carro entre esta cidade e Albergaria, e apparecendo no dia 1.º do corrente Gaspar Pereira da Costa, do Porto offerendo-se a fazer a dita conducção em carro com as condições que lhe foram lidas por 345000 rs. mensaes, officiu o sr. director do correio desta cidade ao sr. administrador do correio central de Coimbra, participando-lhe este offerimento. Hontem, baixou daquella administração ordem ao director do correio desta cidade para abrir nova praça, visto que aquelle offerimento se tinha apresentado depois da praça fechada.

Nesta conformidade hontem mesmo se fizeram os competentes annuncios declarando a praça aberta até ao meio dia do dia 15 do corrente.

Esperamos que só appareça o sr. Gaspar Pereira da Costa com o lance ja offerecido, que não nos parece desarrasado, teremos este melhoramento em Aveiro, e por isso razão de gratidão ao sr. conselheiro Lessa.

Theatro. — Anda-se finalmente preparando o projectado theatro da rua do Rato, afim de

ali se darem algumas recitas. As obras estavam, como se sabe, paradas ha muitos annos, desde que falleceu o principal influente d'ellas, o sr. Antonio da Silva Paiva.

E' uma sociedade composta de seis artistas que metteu hombros á empresa. A primeira recita espera-se que seja já no primeiro domingo do proximo mez de maio.

Louvamos muito esta iniciativa, tanto mais que outros individuos de mais capitães que os associados tinham esmorecido deante della; e com quanto não se façam por ora se não os reparos indispensaveis, é certo que isso é o começo para se poder tornar aquella casa um theatro, posto que abaixo do necessario, muito conveniente para uma terra que, no fim de contas, está actualmente sem nenhum outro.

Fontes. — Ha muito que se acha sem agua o pequeno tanque do Rocio. A camara em lugar de mandar concertar o cano que parece estar apenas roto em um só lugar, tem deixado estar tapada a communicacão que ha entre elle e a fonte da praça!

E' inconveniente para o publico este desleixo, porque não havendo já na praça o tanque proprio para beberem os animaes, e estando sem agua o do Rocio, tem acontecido subirem elles ao tanque principal, o que não deve tolerar-se por modo algum.

Se houvesse policia isto evitava-se d'outro modo, mas como a não ha, e para que se não repita aquelle inconveniente, deve a camara mandar reparar quanto antes a communicacão entre os dous tanques, o que é realmente de pequena despeza.

Exportação. — Entrou de novo neste porto, no dia 8 o vapor *Rebecca*, que vem buscar outro carregamento de laranja da casa dos srs. Viuva Barbosa & Filhos, desta praça, com destino aos portos d'Inglaterra.

Solemnidade. — E' hoje a de Nossa Senhora das Dores na igreja do convento das Carmelitas desta cidade. São oradores, de manhã o sr. padre Rodrigues, — e de tarde o sr. padre Goes. A orchestra é do sr. Valerio.

Já se vê pois que é uma festa luzida.

Errata importante. — Na segunda noticia, da terceira pagina, com o titulo de *Mallas do corveio*, onde se lê 34:000 reis, deve ler-se 36:000 reis.

Perguntas já respondidas. — «Em nome de que escola pretendem que o sr. José Estevão faça parte do gabinete? Que motivos recomendam a sua candidatura? Quaes são os seus titulos de capacidade? Aonde está a sua bandeira politica? Em que campo milita s. ex.ª?» — (*Camp. das Provincias* n.º 1020, de 9 d'abril de 1862.)

O auctor destas perguntas advinhou que as tinha de fazer em 1862, e com a prescencia que todos lhe reconhecem, já as respondeu por centenares de vezes no decurso de mais de oito annos consecutivos (1852 a 1860).

Tomamos ao acaso um n.º da preciosa collecção do citado jornal de 1856, e excerptamos uma parte d'um artigo que pode ser lida com resposta a estas perguntas.

Ella:

«Foi o sr. Manoel da Silva Passos que o sr. José Estevão indigitou. Ambos chefes de um partido distincto, ambos sectarios ardentes dos principios liberaes, ambos dignos da popularidade que os rodeia, ambos cidadãos probos, e honrados por um tirocinio de vinte annos, carregados de serviços, deram provas exuberantes de patriotismo, e souberam elevar-se pelas suas virtudes civicas, e pelos exemplos raros d'abnegação. O sr. José Estevão parecia ufano do esquecimento de si mesmo, pondo em relevo as brilhantes qualidades do sr. Passos. Era a humilhação de Cincinnati trocando o sceptro da governação republicana pela rabiça do arado, e retirando-se depois de tão penosos sacrificios ao socego da vida particular. Era a virtude patriciana que se revelava no discurso do sympatico orador, a quem os seus inimigos politicos não tem podido descobrir uma só falta! Era o Mario da situação, que proclamava, ainda no capitolio, um successor.

Quando brilham estes astros em tempos de egoismo, a imprensa periodica a chronica diurna dos factos contemporaneos, dedica-lhes uma pagina. E' preciso que o povo, a realza da democracia, saiba extremar os que se tem engrandecido com actos de lealdade e dedicação, dos que procuram sobressair e avultar, á força da relutancia com a moralidade, sendo tão cynicos como o proprio cynismo!

O nome do sr. José Estevão Coelho de Magalhães deve inscrever-se nas bandeiras do partido progressista, e no coração de todos os que amam a prosperidade do paiz. — *J. E. d'Almeida Vilhena.* — (*Camp. do Vouga* n.º 413 de 30 de abril de 1856.)

Então (1856) era o sr. José Estevão um Cincinnati, era a virtude patriciana, a quem os seus inimigos politicos não tinham podido descobrir uma só falta! Era o Mario da situação, finalmente o nome do sr. José Estevão devia inscrever-se nas bandeiras do partido progressista, e no coração de todos os que amam a prosperidade do paiz!

E que é hoje o sr. José Estevão? Negam-se-lhe titulos de capacidade, pergunta-se onde está a sua bandeira politica, e em que campo milita s. ex.ª; tudo isto e muito mais que nos repugna reproduzir, se diz do sr. José Estevão!

O tempora ó mores.

Descansem os nossos leitores, que nós iremos excerptando do mesmo jornal, e d'esse inexgotavel armazem d'elogios ao sr. José Estevão, aquillo que nos parecer mais proprio para lhe responder ás perguntas que hoje fazem.

Correspondencia. — O nosso estimavel correspondente de Lisboa refere-se hoje na sua correspondencia á do numero anterior, que nós não recebemos.

D'onde procederia a falta? Ao correo desta cidade sabemos que não chegou.

Registro parochial. — No *Diario* de 8, vem publicada uma importante lei, sobre organisação do registro parochial, que modifica e amplia algumas disposições do decreto de 19 d'agosto de 1859, compendiando toda a parte deste que continua em vigor, para melhor intelligencia dos parochos.

Daremos no proximo numero este interessante trabalho, que prova a assiduidade com que o novo ministro das justicas se applica aos negocios a seu cargo.

Restabelecimento. — O sr. Camillo Castello Branco acha-se completamente restabelecido da enfermidade de que fôra acommettido. Foi tratado homeopaticamente pelo sr. Ayres Baptista Pinto. Felicitamos o illustre escriptor.

Contribuição predial. — Com o titulo de resultados da reforma das matrizes prediaes começada em 1860, publica a «*Revolução*» os seguintes curiosos paragrafos:

«Das 3:757 matrizes prediaes, correspondentes a outras tantas freguezias do continente do reino, constava até principios de fevereiro ultimo estarem concluidas 3:390 faltando ainda 367; sendo destas 180 (todas) do districto d'Aveiro, 117 (dois quintos) de Bragança e 23 (um terço) de Faro restando mui poucas a concluir nos outros districtos.

O rendimento collectavel inscripto nas ditas novas matrizes é 18:630 contos, mais 4:900 contos que o das correspondentes matrizes anteriores.

No augmento geral do rendimento collectavel incluíram-se 645 contos de rendas de predios que até agora deixavam de ser tributados, sendo imposto correspondente pago individualmente desde 1854 pelos contribuintes que tinham predios inscriptos da matriz. Acreditamos que aquella quantia subiria ainda consideravelmente se o serviço da reforma fosse feito com mais exactidão em alguns districtos, não sendo provavel que nos de Bragança, Castello Branco e Vianna nenhum predio tivesse escapado aos precedentes arrolamentos. — Basta, porém, o augmento que se apresenta para mostrar o interesse que os proprios contribuintes tem no aperfeçoamento das matrizes.»

Comente quem quizer. — Debaxo deste titulo escreve o *Braz Tizana* o seguinte:

«As auctoridades de Madrid, diz a *Correspondencia*, e de outras provincias de Hespanha, occupam-se neste momento, na averiguação de um delicto contra as rendas publicas, que se está perpetrando, innocentemente, a noso ver, por pessoas de caracter piedoso.

Ha mezes que alguns individuos de certa posição social, encarregavam a todos os seus amigos, que em vez de inutilizarem os sellos de cartas usadas, de 50 centimos, os guardassem e lh'os entregassem.

As razões em que fundavam esta exigencia, eram variadas, e algumas até ridiculas, assegurando alguns dos collectores de sellos usados, que eram destinados a revestir as paredes d'uma casa, porque um padre heretico havia posto esta condição a um catholico que pretendia casar com uma sua filha.

A auctoridade desde logo conheceu neste facto uma fraude, e convencida pelas contas de rendas, de que os sellos manchados de tinta, ou inutilizados, ficavam limpos em virtude de uma operação chimica, e voltavam á venda com grave prejuizo da renda dos correios, adoptou as convenientes providencias para averiguar quem seriam os culpados, e hoje sabe-se por communicacões officiaes — «que os encarregados de recolher os sellos são varios socios das conferencias de S. Vicente de Paulo, que só n'uma provincia, na da Victoria, foram recolhidos pelo governador civil, mais de 30:000 sellos, que haviam reunido varios socios d'aquella irmandade; soube-se mais, que a commissão para recolher os sellos lhes foi dada POR UMA IRMÃ da corte; e por ultimo, que esta irmã obedecêra a ordens do presidente da conferencia.»

N'esta situação, o governo adoptou immediatamente as medidas tendentes a acabar com a fraude, e nos tribunaes se saberá a verdadeira causa do facto e os verdadeiros criminosos.

Roubo. — Na noite de 8 para 9 do corrente, roubaram do arrial de Vagos um poldro e uma egoa que ali andavam pastando, e que pertenciam, o primeiro ao sr. padre João Mendes Esteves e a segunda ao sr. Domingos Fernandes Gafanha.

Parece que se lhe encontraram os rastros até Calvão e seria conveniente que o sr. governador civil, que deve já estar informado do furto, prevenisse competentemente os administradores dos concelhos das visinhanças de Mira e Cantanhede.

O poldro a firmam-nos os donos que teria 2 annos, era preto com estrella, calçado d'uma das mãos cauda e crina cortadas, a egoa era camponesa, preta com estrella e marcada n'uma das pernas com dois SS.

CORREIO

LISBOA 9 DE ABRIL

(Do nosso correspondente.)

Amigos

Pouco poderei adiantar ao que vos disse domingo, sobre o movimento politico.

Os *dissidentes* tendo perdido de todo a esperanza de qualquer combinacão com o ministerio, reuniram-se á opposição, occasionando immedia-

tamente algumas desintelligencias naquelle campo. Parece que ao sr. Fontes lhe repugnam quaesquer ligacões com aquella gente sem brio e sem pudor politico, mas o sr. Casal Ribeiro com o synedrio a que prezide resolveu aceitar a corporação dos dissidentes, fundado n'aquelles principios de tolerancia que s. ex.ª ultimamente professava, e nas religiosas despoisões d'arrependimento em que s'encontra, retractando-se de todas as accusações, que fez a certos caracteres publicos, e pedindo-lhes a todos humilde perdão das injurias e calumnias com que se divertio no curto periodo de sua *meninice politica*.

O director geral d'instrucção publica acompanhado do sr. dr. Fernandes Thomaz e do novo commissario dos estudos o sr. Henrique Midosi, tem continuado as suas visitas aos azylos e casas de ensino dirigidas pelas sr.ªs da aristocracia e entregues aos cuidados das irmãs da caridade.

Em todos os collegios tem havido repugnancia em receber a visita official dos delegados do governo, e em todos elles tem apparecido aquelles cavalheiros as *damas dos rosarios negros*, que as mestras se apressam de mandar chamar logo, que lhes annunciam a visita do director geral d'instrucção publica. As santas filhas de S. Vicente de Paula, conhecem já o genio cavalheiro e o caracter romanesco dos portuguezes, e sabem que elles em todos os tempos prestavam vassalagem á nobreza, á formosura e aos encantos do sexo feminino, e por isso sabem tambem, que podem abusar de todas as leis deste paiz em quanto tiverem a protecção das senhoras a quem ou o nascimento ou a fortuna collocaram nos primeiros lugares da nossa sociedade. E' por isso tambem que elles quando julgam ameaçado o seu poder e o seu dominio recorrem immediatamente ás suas amaveis e formosas protectoras, diante das quaes nada tem podido até hoje o catonismo democratico dos nossos patriotas *d'agua doce*.

E' fora de duvida que em alguns collegios se tem encontrado creanças em um estado de adiantamento intellectual bastante lisonjeiro, devido mais á propria natureza de cada uma, do que a qualquer novidade ou vantagem do systema d'ensino, que ali se segue. Mas o que tambem é certo é que em quasi todas aquellas creanças se acha perdido o instinto da dignidade individual e o amor de familia. Todas ellas dizem, que não pertencem a si mesmas, mas sómente a Deus e ao sr. padre confessor! Quando se lhes pergunta pelo pae ou pela mãe, respondem que não os conhecem, nem querem saber delles, que o seu pae é o padre lazaria, e que a sua mãe é a irmã da caridade! Como aquellas pobres almas se tem feito *limas nas mãos de tão santos obreiros!*

Como o espirito de Loyola se tem inoculado n'aquelles corações innocentes, apagando todos os instinctos de natureza e abafando o amor de Deus, que é o amor do filho a sua mãe, no amor sacrilego tributado a um padre estrangeiro e a uma mulher mercenaria de caridade! Continua o povo a entregar os seus filhos, aquelles bons padres e ás beatas que só comprehendem a caridade á franceza; e continua o governo a dormir diante desta reacção contra as leis da familia, da sociedade e da natureza, e dentro em poucos annos a liberdade, a honra e a fortuna desta terra, estarão fechadas na sella de um frade.

O *Campão* continua a ser o canal por onde passam as fezes de todos os *Zacharias* possiveis — Era costume acompanharem os prestitos triumphaes dos imperadores romanos, um certo numero d'escravos bebados, durante o transitio descompunham e injuriavam o triumphador, e era isto um accessorio indispensavel á sua gloria. Ora aos triumphos e ás glorias que o sr. José Estevão tem obtido na sua nobre e brilhante carreira politica, não lhes tem faltado nunca aquella cerimonia da antiguidade.

Os *Zacharias* tem feito a sua obrigação como os escravos de Roma; mas ai delles, se no dilirio de eubriaguez ousarem louvar ou elogiar, porque então lhes ficará a pelle preza ao latego, por que é então só que pode haver injuria ou offensa.

No sabbado reunem-se em comicio os eleitores do circulo 114 para escolherem o candidato a deputado nas proximas eleições supplementares. Este circulo que tão auspiciosamente encetou o systema dos trabalhos eleitoraes nos comicios, não podia agora abandonar o principio que elle proprio estabeleceu. Quasi que lhes posso afirmar, que a reeleição do sr. Brancamp é certa por este circulo.

Por Mafra tambem deve sahir reeleito o sr. Mendes Leal, não obstante os esforços do partido reaccionario para fazer vingar a eleição do sr. D. José Lacêrda.

A eleição de Santarém é que parece estar divida para o ministerio e por isso o sr. Lobo d'Avila, se propõe tambem por Vinhaes.

Fez-se o theatro de S. Carlos, e por isso a vida em Lisboa está ainda mais monotona hoje do que já o era a semana passada.

Adeus

Vosso

F. O.



MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 8 do abril

Entradas

LISBOA—Vapor inglez, «Rebecca», cap. F. Butter, 14 pes., de trip. ferro, ao srs. V.ª Barboza & Filho.

Em 9

FIGUEIRA — Escuna ingleza «Tuons Sisters», cap. J. Robert, 6 pes., de trip. lastro.

VIANNA.—Rasca port. «Correio d'Aveiro» m. J. Simões, 9 pes., de trip.

ANNUNCIOS

Pelo cartorio do escrivão Leite se hão de arrematar no dia 4 de maio do corrente anno, pelas 10 horas da manhã, na execução que a F. N. move a Antonio d'Almeida Vasconcellos, ex-recebedor de Cambra — Um campo chamada a — Corredoura, — no limite de Villa-Chã, que se compõe de terra lavradia, agua de rega e arvores de fructo, avaliada em 170\$000 rs. — Uma quinta chamada a — Relvas, — que se compõe de terra lavradia, casas, mattos e vinhas, avaliada em 560\$000 rs.

Pelo cartorio do escrivão Gusmão se hade arrematar em praça, uma propriedade de terra lavradia chamada a — Ucha — que parte do Norte com Manoel Rodrigues Vieira, e do Sul com varios confinantes, pertencente ao casal de Joaquim Simões Maio do Ajudante, de São Bernardo, para pagamento de dividas no inventario por morte da mulher do mesmo, no dia 27 do corrente, pelas nove horas da manhã, no tribunal de justiça desta cidade, e vai á praça no valor de 100\$000 réis.



Alugam-se os altos da casa que faz esquina para a Praça e rua dos Ferradores.

Trata-se do aluguel junto á mesma em casa do seu proprietario, Bento José d'Amorim.

COLLEGIO DE N. SENHORA DA CONCEIÇÃO EM LISBOA

Rua da Esperança, n.º 224, antigo convento das freiras de S. Bernardo

DIRECTORES

Francisco Antonio Martins Bastos, antigo mestre de SS. MM. os Srs. Reis D. Pedro V, e D. Luiz I, e de SS. AA. RR. os Srs. Infantes D. João e D. Fernando, e actualmente de S. A. R. o Sr. Infante D. Augusto; author de varias obras de litteratura, latina e portugueza, socio do instituto de Coimbra, etc., etc., Joaquim Lopes Carreira de Mello, director geral e proprietario do collegio; author de varias obras politicas de litteratura; e de outras para as escolas, approvadas pelo antigo conselho geral d'instrucção publica, socio do instituto de Coimbra etc.

Este collegio recebe alumnos *internos, semi-internos, e externos*, segundo as condições exaradas nos estatutos, que se distribuem, gratis, na portaria do mesmo collegio.

A direcção, tendo em vista o bom estado, anto material, como hygienico, moral litterario e scientifico, do estabelecimento, tem realisado melhoramentos consideraveis, e continua no proposito de levar por diante muitos outros.

Não deve ser indifferente aos chefes de familia o tratamento e abundancia alimenticia, o systema dos quartos separados, que se dão aos alumnos, e todas as mais condições hygienicas, que offerece o estabelecimento, que se pôde considerar o mais regular.

A disciplina, estudo, moralidade, bom ensino, e efficacia na inspecção, são realidades que se podem observar.

A escolha dos professores, e encarregados da policia, tem sido feita com a maior siseudez e circumspecção, e espera a direcção, que de todo se acha entregue ao engrandecimento do estabelecimento que o seu pensamento ha de ter completa execução.

A acquisição de professores como o sr. Joaquim Rodrigues Guedes, lente de ciencias naturaes no collegio militar, e do sr. Joaquim Romão Lobato Pires, lente addido á escola naval, e official de marinha, é segura garantia; o sr. Guedes rége a cadeira de introdução á historia natural, e o sr. Pires a de mathematica e commercio. Para o ensino das ciencias physico-mathematica, professadas no collegio, ha os instrumentos e aparelhos necessarios, e muitos exemplares, e continua-se na sua acquisição.

Outros novos professores vieram tomar parte no corpo cathedratico. O sr. padre Augusto Ignacio da Costa Brandão, na presidencia do estudo; o sr. Pedro Augusto Martins da Rocha, bacharel em direito, no ensino das humanidades; mr. Gros, no ensino do francez; mr. John B. Moore, no ensino do inglez; sr. Manoel Antonio Barros de Seixas, no ensino da escriptura e correspondencia commercial, e o sr. Manoel Martins Soromenho, no de musica. O sr. Martins Bastos, tomou a si todas as classes de latim.

O collegio não tem hoje nenhum professor de quem se possa dizer que é juiz e parte nos exames, mas tem habillissimos professores, o que se deixa ao exame do publico, e do conselho geral d'instrucção publica.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.